

SOMBRAS SOBRE A CULTURA

14-Jan-2011

OpiniÃ£o

Texto de Carlos Vieira e Castro

A crise Ã© um bom pretexto para cortar no luxo e no supÃ©rfluo. Para que serve a cultura?... Hoje, Goebbels, ao ouvir falar de Cultura nÃ£o sacaria da pistola, masÃ do livro de cheques e diria: â€œ- Queriam?! Este dinheirinho Ã© preciso para tapar o buraco negro do BPN,Ã para comprar submarinos e carros de combate aos anarquistas que hÃ£o-de aparecer um dia como as armas de destruiÃ§Ã£o massiva do Saddam, porque nÃ£o podemos fazer mais com menos artilharia, ou as agÃªncias de â€œratingâ€ e os mercados pensariam que somos governados por gente sem coragem para cortar nos salÃ¡rios nas pensÃµes, nas bolsas, nos subsÃdiosâ€ dos pobres, dos remediadosâ€ dos ricos nÃ£o, porque se nÃ£o houver ricos nÃ£o hÃ¡ riqueza para dividirâ€ pelos ricos.

Receita para fazer Cultura sem ovos: corta-se 1/4 do orÃ§amento do ministÃ©rio para a criaÃ§Ã£o e produÃ§Ã£o artÃsticas, mistura-se o D. Maria com o S. JoÃ£o, o S. Carlos e a Companhia Nacional de Bailado, bate-se Opart o pessoal a recibos verdes, fritam-se os bailarinos e outros artistas de desgaste rÃpido, retira-se 30% Ã rede de museus. Entretanto,Ã congela-se a promessa eleitoral de SÃcrates de 1% do OrÃ§amento para a Cultura e deixa-se a marinar os 0,4% (apesar de a Cultura representar 2,8% do PIB) Enfeita-se a travessa com La FÃ©ria. Serve-se frio, acompanhado com pipocas e coca cola.

JÃ lÃ vai o tempo em que Viseu era um deserto cultural e o oÃsis mais perto era a ACERT. Hoje temos o Teatro Viriato, graÃças ao ministro Carrilho, suportado pela CÃmara (40%) e pelo MinistÃ©rio da Cultura (60%, antes de Canavilhas cortar 23% para este ano).Ã

Mas serÃ que nÃ£oÃ passarÃ-amos bem sem ir ao Teatro? HÃ quem nÃ£o morra Ã fome, mas se alimentar mal. Um povo sÃ Ã© verdadeiramente livre se for culto. NÃ£o Ã© por acaso que jÃ hÃ muito que o Conselho da Europa considera os direitos culturais como parte integrante dos direitos humanos.

SÃ para falar dos espectÃculos do Ãltimo trimestre a que ainda nÃ£o tive oportunidade de me referir aqui, digo-vos que teria ficado muito mais pobre (de espÃrito) se tivesse perdido â€œSÃbado 2â€ , a reposiÃ§Ã£o da primeira obra da Companhia Paulo Ribeiro, e a surpreendente visÃ£o da primordial energia subversiva do coreÃgrafo â€œresidenteâ€; ou â€œBelongingâ€, uma muito bem conseguida fusÃ£o de lÃnguas, mÃsica e tradiÃ§Ãµes populares, pelo Teatro Regional da Serra do Montemuro e os ingleses do Foursight Theatre. Por isso aconselho-vos a nÃ£o perderem a programaÃ§Ã£o de 2011, queÃ comeÃça da melhor forma comÃ â€œSombras â€ a nossa tristeza Ã© uma imensa alegriaâ€ de Ricardo Pais,Ã que podeis ver atÃ ao prÃximo SÃbado, dia 15.Ã

Temos ainda um Cine Clube, com 55 anos de existÃncia, a prestar um

serviço público, nomeadamente junto da comunidade escolar, com excelentes ciclos de cinema, a única alternativa de qualidade à medíocre programação, em duplicado, das salas dos centros comerciais. E surgiram ultimamente algumas associações como a Zunzum e a Gira Sol Azul, que aliam a actividade cultural no campo do teatro e da música, respectivamente, com a intervenção social na comunidade.

Não há desculpa, por isso, para os cortes nos apoios da Câmara Municipal de Viseu às associações culturais, anunciados ao fim de um ano de actividades, frustrando expectativas de financiamento. A compra de actos culturais (espectáculos, exposições, concertos) é uma mera transacção, uma aquisição de serviços, e não pode ser confundida com o normal e necessário apoio anual às actividades das associações ou colectividades culturais que, com a sua programação regular, prestam um serviço público inestimável, contribuindo para a qualidade de vida das populações e para o desenvolvimento municipal e regional. Por isso é necessário que o município tenha uma efectiva política cultural, mais transparente, com critérios mais claros na atribuição de apoios, menos oscilantes e previamente definidos.

Carlos Vieira e Castro

À

(Pá3 de Palco de 13.01.2011)